

CAROLINA GONÇALVES REIS

Fiel! Tem urubu na toca

Histórias de torcedores

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2009

CAROLINA GONÇALVES REIS

Fiel! Tem urubu na toca

Histórias de torcedores

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Ernane Rabelo

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Edson e Izídia, que me ensinaram a lutar por minhas conquistas e ter sempre perseverança.

À minha tia Noélia e minha avó Geraldina pelos incentivos e palavras de conforto.

Ao meu irmão Vinícius pela paciência durante toda essa trajetória.

Aos meus tios e tias, que sempre acreditaram em mim

À minhas queridas amigas, Zana Ferreira e Fernanda Mendes, pelo companheirismo, compreensão e todo o amor que me dedicaram durante esses anos.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Ernane Rabelo, por ser meu orientador e por sua paciência.

Às Lulus, que sempre seguraram minhas mãos nos momentos mais difíceis.

À minhas amigas queridas, Tatiana Duarte e Débora Bravo, pelos conselhos, amizade e assistências durante estes últimos anos.

Aos pais da Fernanda, Milton e Adriana, que me acolheram com amor em seu lar.

Aos meninos do C.A., gestão FOCO, por possibilitaram meu encontro com o jornalista Celzo Unzelte, essencial para produção do livro.

Ao amigo e colega Roberto D'Arte, pelos incentivos, ensinamentos e ajuda primordial para a finalização do livro-reportagem.

À Mariana Ramalho Procópio, por seus ensinamentos, compreensão e principalmente pela amizade.

*“Há duas fontes perenes de alegria pura:
o bem realizado e o dever cumprido,”*

Eduardo Girão

RESUMO

O futebol é o mais popular esporte brasileiro. Meninos e até mesmo meninas sonham em serem jogadores profissionais ou apenas que seus times do coração sejam vitoriosos. Mesmo antes de começarem a andar, já recebem de seus pais a incumbência de torcer por um time. Compram camisas, vão a estádios, consomem o que é divulgado sobre o clube do coração. E tudo isso ganha destaque graças à grande cobertura midiática que esse esporte recebe. E para tanto, o jornalismo esportivo apresenta uma forma especial de tratamento nos pelos veículos comunicacionais. O texto é conhecido por apresentar uma linguagem com maior liberdade criativa. Narrações, descrições e outros elementos literários são utilizados na construção do relato do fato. Esses elementos são similares às características do Jornalismo Literário, o qual atribui profundidade ao relato através de uma ampla exploração dos acontecimentos. Além disso, o Jornalismo Literário possibilita a construção textual além da limitação do *lead* e da pirâmide invertida. E para garantir maior profundidade ainda em relação a um fato ou a uma história o livro-reportagem pode ser um bom instrumento para que tal proposta possa ser efetivada. Dessa forma, através de um livro-reportagem, mostra-se a relação de estudantes que chegam a uma cidade universitária do interior, Viçosa, e se unem através do futebol. Além disso, apontar como a paixão pelo futebol e pelos ditos “clubes grandes” não se restringe às capitais, contando as histórias e relatos de encontros e jogos que esses torcedores participaram.

Palavra-chave: Torcida Organizada, Jornalismo Esportivo, Livro-reportagem.

ABSTRACT

Football is the most popular sport in Brazil. Boys and even girls dream of being professional players or just that their team's heart being victorious. Even before starting to walk already receive from their parents the task of rooting for a team. Buy shirts, go to the stadiums, consumed what is published on the club's heart. All this is underscored by the media coverage that this sport receives. And so, the sports journalism has a special form of treatment in the communicative vehicle. The text is known for introducing a language with greater creative freedom. Narratives, descriptions and other literary elements are used in the construction of the account of the fact. These elements

are similar to the characteristics of New Journalism, which gives depth to the story through a wide exploration of the events. In addition, allows for New Journalism textual construction beyond the limitation of the lead and the inverted pyramid. And to ensure even greater depth in relation to a fact or a story book-entry can be a good tool for such a proposal can be effected. Thus, through a book-entry, shows the ratio of students who come to a university town in the interior, Viçosa, and come together through football. Also, point out how the passion for football and the called "big clubs" is not confined to the capitals, telling stories and reports from meetings and games that these fans participated.

Keyword: Footbal Fans, Sports Journalism, Book-entry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
O Tema.....	09
Os objetivos e justificativas.....	10
O que é jornalismo literário.....	11
O que é jornalismo esportivo.....	12
Torcidas Organizadas.....	15
Livro-reportagem.....	17
METODOLOGIA.....	19
Pesquisa bibliográfica.....	19
Apuração.....	20
Produção do livro.....	21
COSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
<u>Referências Bibliográficas</u>	25
ANEXOS.....	28

INTRODUÇÃO

1. O tema

Localizada na Zona da Mata mineira, Viçosa é uma cidade da qual pode-se destacar algumas peculiaridades. Com uma estimativa populacional de cerca de 70 mil habitantes, de acordo com a pesquisa do IBGE¹ realizada em 1º de abril de 2007, a cidade anualmente recebe por volta de 10 mil estudantes vindos de diferentes cidades e estados do Brasil. São estudantes de Ensino Médio e principalmente universitários que ingressam na Universidade Federal de Viçosa e em outras particulares.

Aspectos econômicos, educacionais e culturais da cidade tornam-se dependentes do contingente estudantil que chega à Viçosa e são moldados para atender essa demanda. Serviços, eventos e lazer são condicionados para atender ao público flutuante.

Assim, são característicos festas e encontros em bares entre os estudantes pela cidade. Um desses encontros é entre torcedores de um determinado time de futebol. Como há muitos estudantes oriundos de outros Estados do Brasil, é comum os universitários se reunirem para verem jogos que não passam na televisão local, como os de times cariocas e paulistas. E mesmo os torcedores de times mineiros preferem se juntar aos amigos para verem o time do coração em algum bar. Esses torcedores se unem aos torcedores locais e acabam formando grupos com características e especificidades próprias, criando torcidas organizadas.

Em Viçosa observa-se a confluência de torcedores de times como Flamengo, Botafogo, São Paulo, Santos... Times de outras regiões do Brasil. Como esses torcedores estão longe da origem e das maiores torcidas dos times, formaram grupos a fim de verem os jogos. A formação dessas torcidas atendeu, também, aos próprios torcedores nascidos e moradores de Viçosa.

Para a construção do livro foram analisadas as torcidas do Cruzeiro Esporte Clube, de Minas Gerais, do Sport Club Corinthians Paulista, de São Paulo, e do Clube de Regatas do Flamengo, do Rio de Janeiro. A escolha dessas torcidas se deve ao fato de serem os times mais populares de seus estados. Segundo pesquisa realizada pela

¹ Pesquisa disponibilizada no endereço eletrônico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: www.ibge.com.br.

Datafolha em 2008², o Flamengo tem a preferência de 17% de torcedores nacionais, enquanto o Corinthians tem 12 %; ambos figuram como os primeiros colocados. Quanto ao Cruzeiro, este tem 3% da preferência dos torcedores, ocupando a sétima posição, mas estando a frente do seu rival estadual, Atlético Mineiro, que ocupa a décima posição.

As histórias e relatos dos torcedores da *Máfia Azul Viçosa*, da *Fiel Viçosa* e da *Fla Viçosa*, como são chamadas na cidade, são retratados no livro-reportagem. Este, por sua vez, apresenta um texto característico do que é apresentado na editoria de esportes. Além disso, as técnicas e peculiaridades do Jornalismo Literário foram utilizadas para que o relato tivesse maior profundidade e fosse mais acessível ao leitor.

2. Os objetivos e as justificativas

O projeto experimental tem como objetivo geral mostrar que torcedores de um clube de futebol possuem sentimentos similares, sejam eles moradores das mesmas sedes dos clubes pelos quais torcem, ou moradores de outras localidades. Especificamente, a pesquisa feita possibilitou apontar a relação dos estudantes que chegam à cidade de Viçosa e se unem através do futebol, e que a paixão pelo futebol e pelos ditos “clubes grandes” não se restringe às capitais. Além disso, o livro conta histórias e relatos de encontros e jogos que os torcedores participaram.

A escolha por fazer um projeto experimental se justifica pela possibilidade de explorar e aliar a investigação teórica e as técnicas do jornalismo aprendidas durante a graduação. Quanto ao livro-reportagem, deve-se a possibilidade de colocar em prática técnicas necessárias para uma boa reportagem, como a apuração, entrevistas, e a própria redação textual. No entanto, a escolha deve, principalmente, ao fato de que o livro-reportagem garante um aprofundamento do fato noticioso, deixando o texto mais rico de informações.

A paixão e a vontade de trabalhar com o jornalismo esportivo são também minhas principais motivações para fazer esse trabalho. Como a linguagem do jornalismo esportivo permite liberdade na produção do texto, adequiei esse aspecto ao do livro-reportagem, e assim, tive maior oportunidade de criar um texto mais leve e instigante.

² Pesquisa disponibilizada pelo endereço eletrônico:
http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=538

Assim, a proposta do livro é atender aos interessados pelo futebol, bem como em ter relatos de eventos que envolvem os torcedores, principalmente os do interior.

3. O que é Jornalismo Literário

Segundo definição de Felipe Pena (2006), Jornalismo Literário é uma forma de potencializar a escrita jornalística, não se limitando apenas a responder as perguntas do *lead* (O quê? Quando? Onde? Por quê? Como? Quem?) e à estruturação da pirâmide invertida, atribuindo profundidade ao relato através de uma ampla exploração dos acontecimentos.

O nascimento do Jornalismo Literário pode ser associado ao surgimento do *New Journalism*. Jornalistas norte-americanos, por volta 1960, cansaram-se de como o jornalismo era trabalhado objetivamente e começaram a fazer textos sem uma fórmula básica, explorando novos meios para a construção textual, de acordo com Pena (2006).

Assim, ao relatar uma notícia, outros elementos não só de características do jornalismo eram anexados ao texto. Esses elementos eram típicos da literatura, como a narração, a descrição e até mesmo a dissertação. Diálogos, descrição cena-a-cena do fato, cenas apresentadas por diferentes pontos de vista e registro de características simbólicas das personagens, como roupas e hábitos passaram a estar presentes nos textos dos jornais.

No Brasil, o jornalismo literário passou a ser utilizado nas redações a partir do nascimento do *O Cruzeiro* em 1928, ganhando notoriedade e boa circulação somente na década de 40, quando passou a produzir mais reportagens. Vinte anos mais tarde, surgiu a revista *Realidade* que inovou na linguagem e na liberdade de suas abordagens, produzindo reportagens como que tendiam ao aprofundamento do assunto.

Dentro do jornalismo literário, há ainda outros subgêneros, como explicitou Pena (2006). A crítica é um deles. Ela é produzida através de um discurso artístico e intuitivo, mas também com racionalidade. Além disso, possui componentes que dão significados à obra a qual tece seus argumentos, gerando meios de interpretação sobre a mesma.

Outro subgênero é o Jornalismo Gonzo.

[...] Jornalismo Gonzo consiste no envolvimento profundo e pessoal do autor no processo da elaboração da matéria. Não se procura uma personagem para a história; o autor é o próprio personagem. Tudo o

que for narrado é a partir da visão do jornalista. Irreverência, sarcasmo, exageros e opinião também são características do Jornalismo Gonzo. Na verdade, a principal característica dessa vertente é encarar a questão da possível isenção jornalística, tanto cobrada, elogiada e sonhada pelos manuais de redação. (PENA, 2006, p.57)

Nesse subgênero, o texto é feito com maior proximidade do próprio jornalista, pois ele em si vivenciou o fato relatado e transcreveu sua visão para o texto.

Outro subgênero abordado por Pena (2006) é a biografia, que consiste na narrativa de acontecimentos da vida de um determinado personagem. Esgota-se ao máximo todas as etapas que a personagem viveu e a descreve minuciosamente. Esse gênero é um importante meio de preservar a memória, uma vez que estará transcrita, facilitando a compreensão e interpretação dos fatos.

Romance-reportagem e ficção jornalística são subgêneros que, ao primeiro olhar, parecem similares. No entanto tem suas distinções. O romance-reportagem além de informar apenas o fato, oferece, também, uma opinião sobre o acontecimento. É “uma representação direta do real por meio da contextualização e interpretação de determinados acontecimentos” (PENA, 2006, p. 103). Ele objetiva a construção fiel dos fatos, diferente da ficção jornalística. Esta, por sua vez, não tem preocupação em relatar exatamente como o acontecimento se deu. Ela pegará um elemento desse fato para a construção de sua narrativa, e o autor inventa deliberadamente o restante.

Com o uso de técnicas literárias em um texto jornalístico, a assimilação das informações, pelo leitor, será facilitada, uma vez que haverá mais envolvimento e prazer com a leitura.

4. O que é Jornalismo Esportivo

O espaço destinado ao esporte nos jornais demorou a ter alguma relevância. Desde o surgimento do futebol³, as notícias de esporte eram suprimidas em detrimento de fatos políticos. Competições populares na época, como o turfe e remo tinham muito

³ O futebol chegou ao Brasil em 1894 através de Charles Miller, que ficou na Inglaterra por dez anos. Ao retornar para o Brasil, foi em São Paulo que começou a disseminar o esporte na empresa da qual trabalhava, a São Paulo Railway. Miller organizava treinos entre os funcionários dessa empresa, como também com os da Companhia de Gás e os do London Bank. Aos poucos o futebol foi ganhando território e os campeonatos começaram a surgir. E foi em um desses jogos que Celso Araújo descobriu o novo esporte e escreveu ao seu amigo jornalista carioca, Alcino Guanabara, que terminou de alastrar o esporte, ocupando os territórios do Rio de Janeiro e de São Paulo. (RIBEIRO, 2007)

pouco destaque nos jornais. Apenas com a crescente popularização do futebol, a cobertura esportiva obteve maior evidência.

E mesmo no começo do século XX, o texto esportivo já mostrava uma linguagem própria, característica. Reportagens detalhavam elementos cruciais das partidas, como o resultado, autores dos gols, se houve ou não expulsão, etc. Isso no caso do futebol. Além disso, narrava e descrevia certos acontecimentos, de forma clara e precisa para o leitor.

Para cativar ainda mais os amantes dos esportes, novas fórmulas de como se narrar ou comentar um evento esportivo deveriam surgir para continuar seduzindo o leitor. E para atender essa demanda, a emoção passou a fazer parte da narrativa da realidade. O esporte, além de tudo, é emocional, e não poderia se contiver a um simples e racional relato dos fatos.

A descrição⁴ dos acontecimentos esportivos no texto é a principal ferramenta do jornalista desse setor. Uma cesta de basquete, uma cortada do vôlei, um gol, a própria partida. Todos esses elementos sempre foram bem descritos para que o leitor entendesse cada momento dos jogos. No entanto, um texto apenas descritivo não tem uma boa qualidade e se torna denso. Dessa forma, o jornalista esportivo deve acrescentar ao seu texto outros elementos para que seu relato seja bem recebido pelo leitor. Um desses elementos é a narração⁵.

Ao narrar o gol feito por determinado jogador, o jornalista já atribui maiores peculiaridades ao seu texto que chamará a atenção de quem o procura para leitura. Mas só a descrição e a narração não são suficientes para um bom texto jornalístico, ou melhor, para se obter um texto diferente, único. É preciso emoção. O texto deve explorar a noção de realidade para que seu texto seja mais brilhante (COELHO, 2008).

A própria emoção que o esporte causa aos seus admiradores é propícia para uma construção textual com sucesso. Além disso, para Barbeiro e Rangel (2006), o jornalista que escreve o texto de esporte, na maioria das vezes, presenciou todo o desenrolar do fato, da partida ou jogo, e dessa forma poderá construir melhor a narrativa, tornando-se

⁴ A função da descrição é informar as características de algo que será apresentado ao leitor, sejam características físicas como também as subjetivas. (ABAURRE; FADEL; PONTARA, 2003)

⁵ A narração é um relato dos fatos com a explanação sobre outros elementos que cerca o acontecimento. A narração não se prende somente ao fato em si (ABAURRE; FADEL; PONTARA, 2003). No caso do gol, a narração não se dá apenas no simples relato de o jogador pegou a bola e chutou para o gol. Outros elementos também estarão no texto, como o zagueiro que não conseguiu alcançar o atacante e o goleiro que saltou e não pode tocar seus dedos na bola.

um forte elo entre o público leitor e o evento em si. O evento esportivo, ainda, é um dos poucos acontecimentos que há a cobertura ao vivo dos acontecimentos.

Tal emoção esteve sempre presente nos textos de Nelson Rodrigues, que para Coelho (2008) “motivaram o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses”

Nelson Rodrigues escrevia crônicas para jornais, glorificando jogadores e ídolos, até mesmo mais do que mereciam. Mas foi através de seus textos que muitos desses profissionais foram endeusados. E não só os jogadores, como os próprios jogos tornaram imortalizados pelas suas histórias. Coelho (2008) não coloca as crônicas dentro do jornalismo, especialmente as de Nelson Rodrigues. Para ele, os fatos não são tão precisos quando detalhados em uma crônica e há sempre um acréscimo e um juízo de valor. No caso de Rodrigues, muitos dos acontecimentos e situações que ele narrou carregam distorções, muitas dessas provocadas pela sua miopia, a qual o impedia de ver com presteza os lances de um jogo de futebol.

A crônica é sim um gênero jornalístico, de acordo com o Manual de Redação da Folha de São Paulo (2005). Para Abaurre; Fadel; Pontara (2003), a crônica é um texto no qual há um relato de um fato contemporâneo, com reflexões sobre o tema abordado, sendo jornalística⁶ quando se referir a uma notícia, um fato.

Esse tipo de comentário sobre partidas de futebol não são mais vistos atualmente. As notícias e colunas nos jornais não tem mais o toque provocativo e instigante que os textos de Nelson Rodrigues apresentava. Atualmente, os jornalistas esportivos usam muitos jargões que empobrecem o texto, o que não é aconselhado por Barbeiro e Rangel (2006) e ressaltam ainda ser necessário atribuir criatividade e um pouco de emoção para que os textos sejam bons. Coelho (2008) segue essa mesma linha de pensamento.

“A emoção também faz parte do jornalismo, como bem mostraram as crônicas de Nelson Rodrigues no passado. E alguém precisa fazê-la retornar ao cotidiano das páginas esportivas. Mesmo que alguns mitos da história do esporte brasileiro, Dunga, Romário, Ronaldo, tenham ficado perdidos num tempo restrito à descrição nua e crua da realidade.” (COELHO, 2008, p. 23)

⁶ Os autores ainda definem a crônica como mundana, quando o fato é característica da sociedade; e humorística, onde um fato é abordado por uma vertente irônica, cômica. No caso, será tratada apenas da crônica jornalística.

5. Torcidas Organizadas

Para falar sobre torcidas organizadas, antes é preciso entender sobre os grupos e redes em que elas estão envolvidas. Dessa forma, serão considerados os conceitos de *sodalidade*, *sociabilidade* e *socialidade* feitos por Jean Baechler (1995).

Baechler usa tais modalidades para classificar as formas do indivíduo se socializar com outros indivíduos. O primeiro conceito, *sodalidade*, refere-se à capacidade do ser humano de formar grupos. Tais grupos tem capacidade de agir de forma uniforme e nascem através do desejo humano pela busca por objetivos. Em um mesmo espaço podem existir vários grupos, com propósitos semelhantes ou divergentes, e mesmo assim há possibilidade de interações entre eles.

O segundo conceito é o de *sociabilidade*, o qual faz referência às redes. Através delas “as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões, opiniões” (BAECHLER, p.66). São laços que um indivíduo estabelece entre outro indivíduo, e que por sua vez pode interagir com outro ator social.

Por fim, o último conceito de Baechler é o de *socialidade*. Por *socialidade* entende-se “a capacidade humana de manter coesos os grupos e redes, de lhes assegurar a coerência e a coesão que os constituem em sociedades” (BAECHLER, p. 66). Nesse sentido, as *morfologias* serão as formas de *solidariedade social* que possibilitarão tal resultado.

Com esses conceitos traçados, pode-se fazer uma comparação com os meios sociáveis onde as torcidas organizadas interagem.

Para começar, o município de Viçosa é um grande grupo que contem indivíduos com objetivos próprios que definem sua natureza. Os objetivos dos indivíduos não necessariamente serão os mesmos. Isso porque ainda existem outros grupos, o de universitários e o da própria população natural do município.

Esses grupos, com o tempo, formam redes, através dos laços e vínculos, e quanto mais fortes sejam esses vínculos, a possibilidade da rede se fechar se torna maior. Dessa forma, podemos mencionar a torcida organizada como um grupo que se constituiu através de uma rede com um vínculo forte, pois só os torcedores pelo suposto time poderão fazer parte dele.

Da mesma forma que a cidade é considerada uma forma de sodalidade por Baechler, ela também é uma forma de socialidade. No entanto, nesse sentido a cidade é uma morfologia e não um grupo. Morfologia são

“os princípios de coerência e de coesão que cimentam os indivíduos e os grupos, permitindo-lhes perpetuar-se como sociedades humanas. [...] A palavra ‘coerência’ designaria a dimensão objetiva do fenômeno, ao passo que ‘coesão’ procura sublinhar sua dimensão subjetiva, as paixões, as representações, os interesses, as deliberações... que ligam os homens entre si.” (BAECHLER, 1995, p.91)

Assim, o município de Viçosa possui valores, regras que formam sua cultura e também contribuem fazer da cidade particular. E é essa morfologia que integra e caracteriza os grupos e torna possível a formação de redes. A partir disso é possível entender o funcionamento de uma torcida organizada.

A primeira torcida considerada ‘organizada’ surgiu na década de 40 no Rio de Janeiro. Era a Charanga, torcida do Clube de Regatas do Flamengo. Assim como ela, outros grupos foram se formando entre o Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, como menciona Carlos Pimenta, tais torcidas não podiam ser consideradas ‘organizadas’ segundo a caracterização atual. Tais grupos tinham apenas a intenção de torcer, e não possuíam uma estrutura burocrática. Com isso, a torcida organizada⁷ considerada a mais antiga do Brasil é a “Gaviões da Fiel” (PIMENTA, 1997, p.67), fundada no ano de 1969.

“Na medida em que ganharam corpo, marcando presença não só nos estádios, mas também nas relações dos grupos com a sociedade, estabeleceram novos padrões de comportamento aos seus membros, que buscavam auto-afirmação através da vestimenta, da identificação grupal e da falsa superioridade de um grupo sobre o outro. Neste sentido, houve necessidade de se criar uma estrutura burocrática capaz de oferecer suporte à entidade e satisfação aos interesses dos simpatizantes que desejavam fazer – ou já faziam – parte de seus quadros associativos” (PIMENTA, 1997, p.77)

Em Viçosa, as torcidas surgiram pela necessidade de formar um grupo onde os interesses e afinidades eram os mesmos, como o sentimento por determinado clube futebolístico. Elas possuem uma espécie de organização, mas apenas uma pode ser considerada formalmente uma Torcida Organizada, a *Máfia Azul Viçosa*. Suas

⁷ Que apresenta uma estrutura organizativa, burocrática, com regras estatutárias e composta por presidente, conselho, diretores e sócios.

principais funções são reunir os torcedores e também organizar excursões para levá-los aos estádios.

6. Livro-reportagem

Segundo Eduardo Belo (2006), o livro-reportagem não tem uma data de nascimento, no entanto pode-se considerar que reportagens de profundidade, com viés mais literário, publicadas em livros surgiram na Europa, durante o século XIX. Diferente dessa escola, os americanos tendiam a produzir seus textos mais diretos e objetivos, pautados no *lead* e na pirâmide invertida.

Seguidores da escola americana de jornalismo, o Brasil demorou para adotar a reportagem em profundidade, embora seja importante mencionar que Euclides da Cunha publicou o que é considerado o primeiro livro-reportagem brasileiro, *Os Sertões*, em 1902.

Só então na década de 90, a reportagem em profundidade, sem espaço na mídia impressa diária, começou a ganhar as editoras e serem publicadas em livros. Para Belo (2006) dois fatores contribuíram para isso: “as constantes tentativas de estabilização monetária – só alcançada com êxito depois do Plano Real, em 1994 – e o encolhimento do espaço editorial de revistas e, principalmente, dos jornais brasileiros” (BELO, 2006, p. 32).

Assim, o livro-reportagem passou a atender os anseios daqueles que perderam espaço para publicar suas reportagens e ainda contribuiu para o aprofundamento da reportagem. Nas palavras de Edvaldo Pereira Lima o livro-reportagem é “mais que simples repetidor de padrões e formas de praticar a comunicação jornalística com o público, esse veículo renova e dinamiza, principalmente quando trabalha, com todo o seu arsenal de possibilidades, a grande reportagem” (LIMA, 1998, p. 6-7)

Ainda para Belo (2006)

“Em uma definição quase acadêmica, é possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica

jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa.” (BELO,2006, p. 41)

Dessa forma, para a construção de um livro-reportagem rico em informações, o jornalista precisa exaurir a técnica jornalística da apuração. Ele deve fazer pesquisas, levantamento de fontes, e entrevistas para munir-se adequadamente de conhecimentos sobre o assunto que será abordado.

Além disso, o texto do livro-reportagem deve fazer com que o leitor não se desligue da leitura, sinta prazer ao ler a reportagem. Para tanto, permite-se diferentes tipos de construções e o uso do jornalismo literário, bem como intensidade do relato, exploração de fatores sociais e psicológicos do homem (BELO, 2006).

“Informações que permitam ao leitor concluir como as coisas se conectam no mundo, como interferem na sua vida ou até como funciona a lógica particular de um personagem – expondo traços de sua personalidade – são sempre úteis. Dão a narrativa uma dimensão humana. Despertam interesse.” (BELO, 2006, 88 p.)

Aliado ao Jornalismo Literário, o livro-reportagem possibilita que o relato do fato seja estruturado sem a limitação do *lead* e da pirâmide invertida.

O *lead* é o parágrafo que responde seis questões básicas para o relato de um fato: O quê, quando, onde, por quê, como e quem. Ao deixar o texto restrito ao *lead*, o jornalista se sujeita a escrever um texto insípido e sem possibilidades de diferentes interpretações do leitor.

A pirâmide invertida, por sua vez, é uma estrutura onde as informações mais importantes são colocadas logo no começo do texto, estabelecendo uma ordem decrescente. Com isso, a informação menos importante é deixada para o final do relato (Folha de São Paulo, 2005, 93 p.). Essa padronização permite ao leitor ler apenas os primeiros parágrafos, sem atraí-lo para o relato total dos fatos. Por consequência, não há uma exploração mais rigorosa dos elementos que constituem o acontecimento.

II. METODOLOGIA

1. Pesquisa Bibliográfica

A primeira etapa para a produção do relatório teórico e do livro-reportagem foi fazer uma pesquisa sobre a bibliografia a ser usada. Alguns livros foram difíceis de serem encontrados, principalmente os que se referiam às torcidas organizadas. Os demais foram facilmente encontrados na Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa.

O quadro teórico, para a construção desse livro-reportagem e também de sua base teórica, não se limitou apenas em bibliografia específica sobre livro-reportagem e a mídia. Como o livro-reportagem aborda a formação de um grupo com peculiaridades e especificações que está inserido na sociedade, apontamentos da psicologia e da sociologia foram usados. Para isso, a formação de redes e grupos foi analisada em torno do trabalho de Jean Baechler em *Grupos e Sociabilidade* (1995).

Para a contextualização do esporte, *Os donos do espetáculo*, de André Ribeiro (2007), foi um importante instrumento para a obtenção dos dados e informações referentes ao surgimento do esporte, como sua origem, disseminação e popularização.

Foi analisada a relação entre os torcedores e a mídia, esta como intermediária entre o futebol e a torcida. Portanto, estudos que envolvem esse processo foram determinantes para a construção teórica do trabalho. Um exemplo de estudo sobre o tema é o artigo produzido por Édison Gastaldo, *A Arquibancada Eletrônica: questões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil*.

Por se tratar de um livro-reportagem, os estudos e teorias que fundamentam esse gênero foram analisados. A abordagem sobre o assunto feita por Edvaldo Pereira Lima em *O que é livro-reportagem* (1998) e *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2005) foi amplamente usada bem como outros teóricos e teorias que envolvem o assunto.

Por se tratar de um tema de Jornalismo Esportivo, que é o jornalismo que se pratica nos cadernos de esportes, características específicas foram checadas, como as que Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006) trazem em *Manual do Jornalismo Esportivo* e Paulo Vinícius Coelho (2008) em *Jornalismo Esportivo*.

Outro aspecto que abordado foi o do Jornalismo Literário. Livros como os de Alceu Amoroso Lima (2003) em *O Jornalismo com Gênero Literário* e Felipe Pena (2006) em *Jornalismo Literário*.

A fim de ter um aprofundamento sobre as questões antropológicas das formações das torcidas organizadas dois livros foram explorados: *Torcidas Organizadas*, de Luiz Henrique de Toledo (2005) e *Torcidas Organizadas de Futebol – Violência e auto-afirmação*, de Carlos Alberto Máximo Pimenta (1997). E para finalizar, livros sobre as torcidas organizadas como *Dicionário popular de Futebol – o ABC das arquibancadas*, de Leonam Penna (1998) e *Estrela Solitária – um brasileiro chamado Garrincha*, de Ruy Castro (1995) serão leituras complementares.

2. Apuração

Depois de ter feito a pesquisa bibliográfica, os fichamentos e resumos, começou o trabalho na construção do livro. No primeiro momento foram feitas pesquisas sobre as três torcidas escolhidas e procura de seus membros. Através de comunidades no site de relacionamentos *Orkut*, foi possível encontrar os presidentes de cada torcida. Depois disso chegou o momento das observações.

Cada torcida foi observada em dias de jogos pelos campeonatos estaduais e pelo campeonato brasileiro, a fim de presenciar como é o comportamento do grupo. Foram observadas em dois jogos: as observações sobre a *Fiel Viçosa* aconteceram na pizzaria *Trem Bão*; os flamenguistas da *Fla Viçosa* encontram-se no *Planeta Bola*, onde foram acompanhados; as anotações sobre a *Máfia Azul Viçosa* se deram em dois bares. O primeiro encontro foi no *Viçosa Shopping* e o outro na pizzaria *Trem Bão*, a qual era freqüentada pela *Fiel Viçosa*.

Terminada as observações, chegou a fase das entrevistas. Os três presidentes e outros membros assíduos das torcidas relataram suas vivências como torcedores. Tais membros foram determinados por cada presidente. A primeira entrevista feita foi com o presidente da *Fla Viçosa*, Renan Cardoso de Lima. Por falta de disponibilidade para encontros com os outros dois integrantes da torcida, decidi realizar entrevistas com a próxima torcida.

As entrevistas seguintes foram realizadas em conjunto. Os entrevistados responderiam as perguntas juntos. A primeira entrevista feita dessa maneira foi com o

presidente da *Fiel Viçosa*, Dilermando Duarte do Carmo, e outros dois torcedores. O resultado dessa entrevista foi muito proveitoso. Os entrevistados interagiram entre si e complementaram algumas informações, o que implicou em um relato mais rico em fatos.

Assim, a entrevista com a *Máfia Azul Viçosa* também ocorreu com a presença do presidente da torcida, Emerson Cardoso Andrade e outros dois integrantes. Para fechar as entrevistas com os torcedores, encontrei-me novamente com o presidente da *Fla Viçosa* para fazer a entrevista com os outros dois integrantes.

Para finalizar, o jornalista Celso Unzelte, em visita à Viçosa, concedeu-me uma entrevista sobre a popularização do futebol e a expansão das torcidas fora dos limites estaduais de suas sedes. Foi um relato relevante para que, através dele, uma visão de um estudioso de futebol pudesse ser abordada no livro.

3. Produção do Livro-reportagem

Como os capítulos são independentes entre si, foi possível escrevê-los sem respeitar a ordem em que são apresentados no livro-reportagem. Dessa forma, os capítulos foram escritos a partir do momento em que as entrevistas com cada torcida foi terminada.

Assim, os capítulos foram feitos seguindo a seguinte ordem: *Fiel Viçosa; Fla Viçosa; Máfia Azu; Futebol, alma brasileira* e a apresentação do livro.

O capítulo de apresentação explica sucintamente o trabalho, mencionando ser produto final para apresentação de conclusão do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa. O segundo capítulo, *Futebo: alma do Brasil*, faz um breve relato da história e trajetória do futebol brasileiro. Nele há subcapítulos com a história do surgimento de cada clube⁸ dos quais as torcidas se referem. O primeiro a ser abordado é o Flamengo, em segundo o Corinthians e por último o Cruzeiro. Essa ordem respeita ao nascimento de cada clube; do mais antigo ao mais novo. Este é um capítulo no qual o leitor que desconhece os clubes possa se situar e conhecer o contexto que envolve cada time.

Os capítulos de cada torcida são inseridos respeitando a mesma sequência descrita acima: *Fla Viçosa, Fiel Viçosa e Máfia Azul Viçosa*. O livro termina com um

⁸ Clube de Regatas do Flamengo, Sport Club Corinthians Paulista e Cruzeiro Esporte Clube.

epílogo, que mostra uma situação hipotética de uma torcida santista que costuma encontrar-se frequentemente em um bar em Marília, interior de São Paulo.

O livro-reportagem foi revisado pelos colegas do grupo de Orientação em livro-reportagem e pelo orientador, Ernane Rabelo. Foi revisado, também, por um profissional. Após essa fase, ocorreu a diagramação do livro.

Ele foi diagramado em um formato 15 cm por 21 cm. O começo de cada capítulo foi colocado nas páginas à esquerda, havendo quebra de página quando necessário. A numeração foi colocada embaixo, centralizada. Além disso, a fonte escolhida foi *Garamond* em tamanho 14, com espaçamento de 1,5 entre as linhas. Tais escolhas se justificam por deixar o texto limpo, possibilitando maior fluidez de sua leitura.

A foto da capa, da abertura do primeiro capítulo e do capítulo do cruzeiro foram retiradas em endereços eletrônicos⁹ que disponibilizam imagens grátis e livres de direitos autorais. Já aquelas que abrem os capítulos da *Fla Viçosa* e da *Fiel Viçosa* foram fotografadas, respectivamente, pela universitária Débora Bravo e por mim.

⁹ As fotos foram retiradas nos seguintes endereços eletrônicos: www.sxc.hu e <http://www.cruzeiro.com.br/index2.php?section=wallpaper>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reportagem em profundidade não tem espaços relevantes em jornais. Algumas ainda podem ser encontradas em revistas. No entanto o meio mais propenso para explorar o relato mais rico em informações é o livro-reportagem.

A reportagem feita em livro é tão jornalística quanto a feita por um veículo impresso diário. A diferença está no aprofundamento dado ao relato; e com isso, sua apuração é mais densa, já que a amplitude de informações deve ser grande para compor o livro.

Porém, é preciso outro ingrediente fundamental para que as atenções do leitor não se percam ao ler o livro. Além dar um ordenamento coerente e coeso das informações, o jornalista deve abusar das técnicas do jornalismo literário. Dessa forma, com a utilização de elementos de diálogo, cena-a-cena, descrições e narrações, o fato será mais facilmente compreendido.

São algumas das muitas possibilidades que o livro-reportagem oferece ao jornalista. Duas delas foram expostas, poder publicar uma reportagem em profundidade e fazer um texto jornalístico usando técnicas literárias, tornando leve e fora do padrão insípido do *lead* e da pirâmide invertida.

Ao fazer um livro-reportagem cujo tema verifica-se constantemente na mídia, seja televisiva, radiofônica ou impressa, como o de torcidas organizadas, há a possibilidade de se extrapolar o banal, trazendo relatos e experiências diferentes das que são mencionadas nesses veículos. Vale lembrar que quando são mencionadas as torcidas organizadas no meio jornalístico, o relato dá-se sobre acontecimentos de violência. No entanto, a prática do torcer acaba ficando em segundo plano. E a reportagem em livro é um meio de abordar essa outra face apagada pela violência.

Outra possibilidade do livro-reportagem é poder driblar a agenda dos veículos jornalísticos. E esse foi um aspecto que faltou ser relevado no trabalho. Mas é um fator relevante, e estudos sobre agenda setting são interessantes para este tipo de pesquisa em livro-reportagem.

O resultado do livro foi satisfatório. Com as histórias foi possível relatar as experiências e sentimentos dos torcedores, atingindo a proposta da qual o livro se incumbia. As observações poderiam extrapolar os limites de Viçosa, podendo ser realizadas nas caravanas organizadas pelos presidentes das torcidas. No entanto, como

tais viagens não ocorrem com certa periodicidade e como a apuração teve um tempo delimitado para ocorrer, não foi possível acompanhá-los.

Essas demais observações acrescentariam ao relato mais informações e tornam-se possibilidades para, futuramente, serem realizadas, o que trará mais riqueza ao conteúdo do livro.

Referências Bibliográficas

BAECHLER, J. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, R. et. al. **Tratado da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

BARBEIRO, H., RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto. 2006. 188 p.

CASTRO, R. **Estrela Solitária- um Brasileiro Chamado Garrincha**. 1ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995. 520 p.

COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008. 120 p.

CORINTHIANS vira a 22 segundos do fim do jogo e toma a vantagem do São Paulo. Globoesporte.com, São Paulo, 15 abr. 2009. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/Campeonato_Paulista/0,,MUL1082432-9839,00-

CORINTHIANS+VIRA+A+SEGUNDOS+DO+FIM+DO+JOGO+E+TOMA+A+VANTAGEM+DO+SAO+PAULO.html>. Acesso em: 10 out. 2009.

CRUZEIRO ESPORTE CLUBE. **Palestra Itália**. Disponível em: <http://www.cruzeiro.com.br/index2.php?section=historia_fundacao&idm=2>. Acesso em: 01 nov. 2009.

CRUZEIRO perde em casa para o Boca, que vai enfrentar o Atlas. UOL esporte, Belo Horizonte, 07 mai. 2009. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2008/05/07/ult59u156075.jhtm>>. Acesso em: 01 out. 2009.

EM jogo eletrizante e polêmico, Cruzeiro bate o Fla e se aproxima da Libertadores. Globoesporte.com, Belo Horizonte, 23 nov. 2008. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/Brasileirao/Serie_A/0,,MUL872765-9827,00.html>. Acesso em 01 out. 2009.

FLAMENGO – CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO. **História**. Disponível em: <http://www.flamengo.com.br/site_clube/historia/fla_historia_5.html>. Acesso em: 27 out. 2009.

FLAMENGO derrota o Santos e se aproxima da Libertadores. UOL esporte, Rio de Janeiro, 11 nov. 2009. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/11/11/ult59u136567.jhtm>>. Acesso em: 15 out. 2009.

GASTALDO, E. A Arquibancada Eletrônica: questões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. In: XIII COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. **Anais...** São Bernardo do Campo, 2004.

HINO DO CORINTHIANS. **Escudo do Corinthians – Fotos, história, evolução, baixar**. Disponível em: <<http://hinodocorinthians.com/escudo-corinthians/>>. Acesso em: 27 out. 2009.

HISTÓRIA DO CORINTHIANS. **Símbolos**. Disponível em: <<http://www.historiadocorinthians.com.br/simbolos2.php>>. Acesso em: 27 out. 2009.

_____. **A fundação**. Disponível em: <<http://www.historiadocorinthians.com.br/historia.php>>. Acesso em: 27 out. 2009.

_____. **Camisas históricas**. Disponível em: <<http://www.historiadocorinthians.com.br/uniformes.php>>. Acesso em: 27 out. 2009.

INFOGRÁFICO: confira a história do Campeonato Brasileiro, ano a ano. Globoesporte.com, Rio de Janeiro, 15 mai. 2009. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/Brasileirao/Serie_A/0,,MUL1127416-9827,00.html>. Acesso em: 01 nov. 2009.

LEONAM, C. PENNA, M. **O Dicionário popular de Futebol – o ABC das arquibancadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. 262 p.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2004.

MANUAL DE REDAÇÃO: FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Publifolha, 2005.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas Organizadas de Futebol – Violência e auto-afirmação – aspectos da construção das novas relações sociais**. Taubaté: Vogal Editora, 1997. 160 p.

RIBEIRO, A. **Os Donos do Espetáculo**. 1 ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. 326 p.

SANTOS, T. C. **Dos Espetáculos de Massa às Torcidas Organizadas: Paixão, Rito e Magia no Futebol**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2004. 171 p.

TOLEDO, L. H. **Torcidas Organizadas**. 1 ed. Campinas: Autores Associados, 2004. 157 p.

ANEXOS

Entrevista realizada em 31/08/2009 com Renan Cardoso Lima, presidente da *Fla Viçosa*

1. Quando e como surgiu a torcida?

O nome da *Fla Viçosa* surgiu a primeira vez lá no Bar do Edinho. É um bar que fica ali perto do Bom Jesus, na Rua da Conceição, perto do Equipe, ali no colégio Viçosa... Lá que surgiu primeiro o nome da *Fla Viçosa*. E lá eles até fizeram a primeira camisa da *Fla Viçosa*, com o nome *Fla Viçosa*. Depois parou, porque foi uma coisa isolada. Depois o Pedro, amigo meu, é até do Rio, que faz Agronomia comigo, também fez uma camisa da *Fla Viçosa*. Ele fez essa camisa, e depois viajou para os Estados Unidos, e acho que ele chegou a fazer uma excursão para o Rio, ao Maracanã. E aí, em 2007, acho que foi quando teve a primeira excursão mesmo da *Fla Viçosa* ao Maracanã, foi Flamengo e Santos; foi aquele jogo que foi recorde de público do campeonato de 2007; Flamengo ganhou de 1 a 0. E aí gente começou a se organizar mais. Eu comecei a pegar o nome do pessoal, fiz a camisa, uma que tinha um mapa na frente, uma branca. Aí que já foi começando a organizar; a gente fez um Orkut, um MSN, um e-mail, e a partir do e-mail a gente começou a cadastrar as pessoas. O cadastro começou a ser feito esse ano, a faixa também chegou esse ano; 2009 foi um ano importante para começar a organizar. Ano passado a gente foi em Flamengo e Ipatinga, Flamengo e Cruzeiro, nos dois jogos; e nesse ano a gente foi no Flamengo e Botafogo e Flamengo e Corinthians no Maracanã. Todos os jogos no Maracanã; eu sempre gosto de fazer excursão para lá e não para o Mineirão. Lá eu vou sozinho, com excursão não; é mais perigoso pra torcida visitante. Em Viçosa a torcida do Flamengo é muito grande; algumas pessoas falam que é a maior torcida de Viçosa. E a nossa torcida é a que mais vende camisas. Uma média de 150. Mas a máfia azul realmente é mais organizada; aqui tem pouca gente que tem disposição pra mexer com torcida. Eu, com mestrado, tenho pouco tempo. Mas estou tentando ser organizado. E foi assim que surgiu a *Fla Viçosa*.

2. Vocês tem uma diretoria?

Então, tem uma diretoria, assim, formada por umas três ou quatro pessoas. Agora a gente vai montar uma diretoria nova, nesse ano. Vamos continuar eu e o Ricardo, e vai entrar mais duas pessoas.

3. E quais as funções?

Na verdade eu é que faço quase tudo; a parte de material fica comigo. Pedro ficava com a parte de desenho, design. Excursão sou eu que faço. É isso, a parte de excursão e material, sou eu que faço. O pessoal vai ver o jogo, sempre estão com a faixa lá.

4. Há relações da torcida de Viçosa com a da capital? Vocês são filiados a alguma torcida?

O Flamengo tem um projeto que chama Embaixadas da Nação. É como se fosse uma filiação de torcidas fora do Rio de Janeiro. É um projeto do clube para integrar ter torcidas representantes em todo o Brasil. Está em fase de andamento, estou tentando o cadastro ainda; tem que ter faixa, diretoria. Talvez até o final do ano consigamos nos afiliar.

5. Como funciona o cadastro?

Qualquer pessoa que quiser participar é só deixar um e-mail. Na verdade, esse cadastro é mais para a pessoa receber informação quando tiver venda de material e caravana. Mas a gente realmente precisava ter uma pessoa mais por conta da *Fla Viçosa*. Eu até que fico, mas poderia vender muito mais coisas. Eu mesmo preciso me organizar mais.

6. Dá prioridade pra quem vai às excursões?

Geralmente eu dou prioridade para algumas pessoas quando lota a *van* e fica gente de fora. Daí eu dou preferência para os que já foram; tem muita gente que sempre vai na excursão.

7. Momento especial de torcedor?

O meu momento mais marcante, e da minha geração, foi o gol do Pet [Petkovic], em 2001, Flamengo 3 Vasco 1. O tricampeonato de 2001, com um gol aos 43 minutos do

segundo tempo. Um gol de falta. O jogo estava 2 a 1, e o Vasco seria campeão. Saiu aquele gol, meio espírita. Só tinha um lugar para a bola entrar e ela foi lá. Meu, e da minha geração, esse talvez foi o gol que mais marcou.

8. E qual foi o jogo junto da Fla Viçosa mais emocionante?

Flamengo e Santos, de 2007. Foi recorde de público. Com a vitória o Flamengo foi para a Libertadores. Tinha 90 mil flamenguistas no estádio; era jogo de uma torcida só. O Maracanã estava muito bonito.

9. Como virou flamenguista?

Meu pai também é flamenguista. E desde pequeno eu acompanho o Flamengo e sou fanático. Inclusive eu vi o Flamengo em 92. E lembro do jogo. Eu tenho um irmão que é vascaíno. E quando saiu o gol do Júnior ele falou para meu pai: “Pai, eu estou torcendo pelo Botafogo”. Meu pai na hora o mandou ir ao banheiro. Eu me lembro de detalhes do jogo.

10. Outras atividades, encontros?

A gente as vezes organiza umas peladas; estamos até tentando marcar um jogo com a Máfia Azul. Fora isso só no bar. Nem todos vão ao Planeta Bola, alguns vão para o bar do Cabelo. Eu sempre vou ao Planeta Bola; a maioria sempre vai para lá. Não está ficando tão cheio porque a situação do time não é boa; a situação é muito ruim. Ainda bem que a gente foi no Flamengo e Corinthians.

11. Dinheiro arrecadado com venda de camisa vai pra excursão?

Não. O dinheiro da camisa sai a preço de custo. A excursão fica geralmente cem reais, ida e volta com ingresso [quem vai viajar paga o seu].

12. Como faz pra entrar pra diretoria?

Entra quem quer, a exigência é sempre estar indo ao bar, ajudar a organizar as coisas.

13. Na torcida tem mais gente que é viçosense ou universitário?

É uma mistura, uma mistura boa!

Entrevista realizada em 16/09/2009 com integrantes da *Fiel Viçosa*:

Dilermando Duarte do Carmo (presidente)

Daniel Teixeira Pinheiro

Márcio da Silva Moreira

1. Quando e como surgiu a torcida?

Daniel: Eu usava Orkut e tinha um estudante de jornalismo que chamava Bruno Winkler e ele me viu no Orkut, nem me conhecia e me adicionou falando: “Olha, comunidade Corinthians de Viçosa que eu criei. Entra aí!”. Nessa época a comunidade não tinha nem dez pessoas. Aí eu entrei. Ninguém participava direito; não era nada de *Fiel Viçosa* ainda. Isso foi durante o Campeonato Brasileiro de 2005 e pouca gente comentava.

Marcinho: A gente começou a deixar tópico lá, para reunir a galera.

Daniel: É, e foi crescendo muito pouco: em seis meses entraram 15 pessoas. Aí eu lembro que o Bruno conhecia a Kelly, que inclusive vê jogo com a gente de vez em quando, e era o aniversário dela. O Bruno deu a comunidade para a ela de presente de aniversário, ou seja, transferiu para a ela. Só que ela teve alguns problemas no Orkut, teve que deletar seu perfil e falou que não podia ficar com a comunidade. Aí eu fiquei sendo o dono da comunidade, assim, uns dois anos e meio; a comunidade tinha umas 80 e poucas pessoas. Participava muito o Marcinho, eu, o Thiago, que foi embora e fez jornalismo também. Aí eu nem sei direito como que eu achei o Dilermando na Internet, passei a comunidade para ele que entrou também. Aí ficaram uns três anos mais ou menos assim. Aí quando foi no começo do ano passado eu conheci o Digão na Internet. E ele ficou todo animado, falou para a gente fazer uma camisa; encontrei com ele e a gente criou o símbolo da *Fiel Viçosa*. Aí resolvemos fazer uma camisa pensando em vender pouco; umas 20 ou 30. Só que a gente assustou, porque na primeira remessa vendemos quase 120 camisas. Depois disso o pessoal começou a reunir mesmo. Aí a comunidade passou a chamar *Fiel Viçosa* e entraram um monte de membro, umas 200 pessoas. Quando a gente viu tinha umas 400 pessoas. Aí esse ano o Dilermando passou a ter umas idéias interessantes, de sócio, carteirinha, e começou a mexer nisso com a

gente. E a comunidade cresceu mais ainda; agora ela tem umas 600 pessoas. No Campeonato Paulista a gente reuniu muitas pessoas na final.

Marcinho: Teve jogo que tinha 250 pessoas assistindo.

Daniel: Na final lotou o Trem Bão. O pessoal vem conhecendo mais a *Fiel Viçosa*. A gente fez nossa faixa.

Marcinho: E a gente saiu divulgando também. Fazia panfleto.

Daniel: Levamos a faixa para a Belo Horizonte, contra o Cruzeiro. Mostramos lá.

Dilermando: Colocamos no *Youtube* os vídeos e “bombou” mais. Teve gente, não só de Viçosa, mas de São Paulo, Santa Catarina... Ficou famoso pelo Brasil pelo *Youtube*. Hoje quando a gente adiciona novos membros pendentos [no *Orkut*] tem gente de Osasco, Sorocaba.

Marcinho: Teve gente de São Paulo ligando para a gente pedindo camisa.

Daniel: Em Viçosa agora todo mundo nos conhece. A torcida cresceu muito mesmo de um ano e meio para a cá, do começo do ano passado até agora. De 80 pessoas no começo do ano passado, estamos com quase 600 pessoas na comunidade. E muito por causa da camisa que a gente fez, e o símbolo ajudou muito a divulgar.

2. Há relações da torcida de Viçosa com a da capital? Vocês são filiados a alguma torcida?

Marcinho: Não, porque a gente tinha que pagar uma franquia. Se a gente colocar qualquer coisa relacionada à *Gaviões* aqui, mesmo que não tenha o nome dela; se a gente colocar um gavião aqui vai estar relacionando com eles.

Daniel: É tipo uma patente. O nosso símbolo não tem gavião.

Marcinho: A gente é independente.

Dilermando: Existem outras torcidas do Corinthians que podem ter filial. A *Estopim*, por exemplo é bem mais fácil de trazer para a cá. Agora a *Gaviões* é muita burocracia. Tem que ter espaço próprio...

Daniel: E agora nós até estamos com um projeto novo; agasalho, bermuda. A gente também tem uma mascote, o Coringão, que é o Coringa do Batman. A gente vai fazer uma camisa com ele agora. E a gente até influenciou torcida nova. A Fiel Ponte Nova.

3. Como é a estrutura da torcida?

Dilermando: Eu, o Marcinho, o Daniel e o João resolvemos tomar a frente e organizar. Então a gente reúne, na medida do possível, às vezes no *MSN* mesmo, e decidimos o que temos que fazer.

Marcinho: Já teve caso na torcida que o povo acaba estressando, mesmo o Corinthians ganhando. Teve uma vez que um torcedor entrou no carro e acendeu um rojão dentro [Dilermando]. Acho que o mais engraçado foi ver o rosto da mãe dele. A sorte é que pegou no rosto, porque se tivesse pegado na cabeça ia terminar de ficar careca.

Daniel: Ganhou até um apelido, o *Bin Laden* da Fiel.

Dilermando: Mas quanto as subdivisões, é assim mesmo que funciona, entre nós quatro a gente resolve.

4. Onde vocês assistem aos jogos?

Dilermando: O primeiro ambiente que a gente começou a assistir jogo foi lá no Palace.

Daniel: Só que daí o dono são-paulino começou a pegar no nosso pé. E teve um jogo ainda, contra o Inter, que tinha um são-paulino que ficava secando e a gente quase brigou com ele. Aí a gente foi pro Viçosa Shopping. Teve o Chopetisco, o Trem Bão, teve uma final no Subsolo. Tinha o Tô na Brasa.

Dilermando: Começou bem no Tô na Brasa né.

Daniel: É importante falar que a *Fiel Viçosa* foi oficializada no dia 7 de maio de 2008. Foi véspera do jogo Corinthians e São Caetano pela Copa do Brasil.

Dilermando: Aí nesse ano a gente começou a assistir no Tô na Brasa. Era meio perigoso e longe e a gente tinha que sair de lá. Daí nós decidimos ir ao Chopetisco. Mas a gente queria exclusividade, e ele não deu.

Marcinho: No primeiro jogo da semifinal contra o São Paulo [campeonato paulista] a gente assistiu lá. Mas o segundo jogo coincidiu com a final do campeonato carioca, e ele [o dono do bar] é flamenguista e optou por passar o jogo do Flamengo. Aí nós fomos para o Trem Bão.

Daniel: E no Chopetisco a gente não gostava também porque o dono não deixava a gente bater em mesa, subir na cadeira. E no To na Brasa a gente gostava por causa disso, a gente tinha liberdade total pra torcer, só que o problema era o ambiente.

Marcinho: E no Trem Bão o problema era o palmeirense, que era muito chato. A gente teve que sair de lá. E no dia da final da Copa do Brasil, no primeiro jogo, o Digão acendeu um sinalizador na rua, e subiu muita fumaça. E foi bem no horário que o pessoal do CPT estava saindo, e o dono do CPT, Nelson Maciel é o dono do prédio. Ele conversou com o dono da pizzaria e estipulou um limite de 30 pessoas para verem os jogos. E mais pessoas iam ver com a gente.

Dilermando: E a gente queria exclusividade, que foi o que o Gustavo nos deu.

Daniel: E o lugar é bem localizado [a Universidade do Chopp], é no centro, de fácil acesso.

5. O que é preciso para ser sócio?

Daniel: É o seguinte: a pessoa paga uma taxa de inscrição de dez reais.

Marcinho: É um valor simbólico.

Daniel: A nossa intenção não é arrecadar dinheiro, é divulgar a torcida. Juntar um pouco de dinheiro para comprar bandeira.

Marcinho: O dinheiro que a gente recebe é para comprar faixa, bandeira.

Daniel: A faixa, por exemplo, foi toda comprada pelo dinheiro de inscrições..

Dilermando: A gente comprou balões, cornetas, foguete.

Daniel: A gente cobra uma mensalidade simbólica de cinco reais para todo mundo poder pagar. É dez de inscrição e mais cinco reais mensais. A pessoa que paga a mensalidade recebe um carimbo, referente a cada mês [um carimbo na carteirinha]. E esse sócio [que paga em dia] tem benefícios viaja quando a gente for... A gente sorteou duas camisas oficiais esse ano já, que saiu de graça pra quem era sócio e cobramos três reais pra quem não era sócio. E também tem desconto nos produtos, na camisa. A gente também faz adesivo; vendemos muitos adesivos já.

Marcinho: Tem preferências nas viagens, quando for viajar.

Dilermando: Todo jogo a gente passa a ata [em todo o jogo, o número 24 é assinado como um torcedor são paulino].

6. Na torcida há mais viçosenses ou universitários?

Dilermando: A maioria é de estudante da UFV. É porque tem muito estudante paulista. Tem muito viçosense também. É bem dividido.

Daniel: E a gente é bem cara de pau. A gente vê corinthiano na rua para e fala, ‘olha, tem a comunidade *Fiel Viçosa*, entra lá, jogo na Universidade do Chopp’.

7. Quais são as atividades que vocês promovem?

Dilermando: Estamos querendo fazer uma coisa beneficente. Quando tiver um jogo grande, tipo Corinthians e Palmeiras, arrecadar alimentos, agasalho.

Daniel: E dia 30 de outubro, agora, a gente vai fazer a “Festa na Favela”, que é uma festinha para a *Fiel Viçosa*, aniversário do Dilermando. A gente vai fazer essa festa na casa do Rodrigão. E a gente vai para o Mineirão dia 6 de dezembro, jogo contra o Atlético, última rodada do campeonato. E a gente pensa ainda em ir ao Pacaembú ano que vem, ano do centenário. De preferência assistir um jogo da Libertadores. E a gente pensa também fazer um modelo de camisa por ano.

Dilermando: Falar também que a gente apareceu na maior comunidade do Corinthians no *Orkut*, mais de um milhão de membros. Fizeram um tópico, “olha esses vídeos, *Fiel Viçosa*”. Criaram um tópico só para falar da gente.

Dilermando: A gente ficou conhecido pelo *Youtube*. Gente de São Paulo veio perguntar coisas sobre a torcida.

8. Qual foi o jogo mais inesquecível que você viu junto com a torcida?

Daniel: Eu acho que foi o título pela copa do Brasil. A virada do Christian contra o São Paulo também foi bem marcante.

Marcinho: Contra o São Paulo, na virada do Christian, eu estava do lado de fora. Já não estava mais agüentando. Eu falei com um cara ‘vai ser faltando 15 segundos’.

Dilermando: Eu acho também [Corinthians 2 e São Paulo 1], com a torcida em si foi esse.

Daniel: Foi esse jogo pela emoção. A gente começou perdendo.

Marcinho: E outra coisa, até ali o Corinthians estava meio desacreditado. O São Paulo tinha acabado de ganhar o tricampeonato brasileiro. Daí o São Paulo vai faz 1 a 0 e a gente agüentando um bando de são paulino enchendo o saco da gente, e o Corinthians empata. Daí aos 47 minutos do segundo tempo o Corinthians vira.

Dilermando: É uma característica do Corinthians, que é o Corinthiano sofredor. Então foi bem a cara do Corinthians esse jogo.

9. Quando começaram a torcer pelo Corinthians?

Marcinho: Eu comecei a acompanhar o Corinthians, mais ou menos, em 81. Ele foi campeão em 82, 83. Aí em 88, meu primeiro jogo, Corinthians e Guarani. O Neto fez um gol, jogava no Guarani ainda, e o Corinthians empatou. O Neto saiu ainda falando para a torcida 'eu sou foda!'. No segundo jogo, o Viola fez um gol e ganhou um apartamento por causa do gol.

Dilermando: Comigo aconteceu na década de 90. Seis de dezembro de 90. Todo mundo foi ver o jogo e eu fui também. Aí tava jogando Corinthians e Bahia, semifinal, um jogo sofrido; Corinthians saiu perdendo. O Corinthians empatou e aí o Neto vai lá e faz um gol de falta, no finalzinho. E a partir desse momento eu virei corinthiano.

Daniel: Eu comecei a ser em 94; tinha seis anos de idade. Muito o que me influenciou a ser foi o Marcelinho Carioca. Ele estava no seu auge, fazendo os gols de falta. O Ronaldo, goleiro, também me influenciou. Mas fanático eu comecei a ser com uns 8 e 9 anos de idade. Corinthiano já nasce corinthiano. Ele só descobre mais tarde.

Dilermando: Por que assistir o jogo com a torcida e não em casa? Porque seu sofrimento se divide com milhões de pessoa. E todo mundo que assiste em casa e depois vem aqui não deixa de vir mais.

Entrevista realizada em 16/09/2009 com Gustavo, dono da Universidade do Chop

1. Como que a Fiel Viçosa passou a frequentar seu bar?

Na verdade quando eu abri aqui, a torcida me procurou. Só que eu não tinha estrutura ainda pra passar jogo. Não tinha pacote do campeonato e mais. E quando eu tive a estrutura eles fecharam no Trem Bão. Com o problema de que não podia mais ter jogo no Trem Bão, aí acabou que resolveram fechar aqui. E assim, isso é bom porque a torcida do Corinthians é uma torcida numerosa e independentemente de como o time está eles comparecem. O consumo é bom. A gente tem promoção; chopp dois reais para os corinthianos e porca da Fiel, com batata frita ou mandioca com queijo e bacon, e a gente cobra o preço normal.

2. Mas você é flamenguista. Como que é torcer pra um time rival?

O pessoal do Flamengo vê no Planeta Bola e não sai de jeito nenhum. Mas no jogo foi de boa; segurei pra comemorar.

Entrevista feita em 26/09/2009 por e-mail com Bruno Winckler

1. Como que surgiu a idéia de criar a comunidade?

Quando cheguei a Viçosa era difícil encontrar um lugar para assistir aos jogos do Corinthians. A concorrência com outras torcidas pelos poucos locais que tinham o pacote pay per view era grande. Era difícil competir com torcedores do Atlético ou do Cruzeiro. Isso era 2001, 2002. Quando o Orkut apareceu vi ali uma oportunidade de juntar os corinthianos da cidade para podermos assistir aos jogos do nosso time. Essa era a ideia original unir o maior número possível de pessoas para, digamos assim, ter um quorum suficiente para fechar um estabelecimento para ver os jogos do Corinthians.

A comunidade fez relativo sucesso até 2005, ano em que me formei e fui embora de Viçosa. Conseguíamos sempre ter um bom grupo para torcer pelo Corinthians. E é aquela coisa. Os donos dos bares querem ter clientes. E se um jogo pode levar para seu negócio um grande número de potenciais consumidores, todos saem satisfeitos.

2. Você imaginou que através dela nasceria uma torcida organizada?

Depois que fui embora de Viçosa não via necessidade de continuar a frente da comunidade. Passei a tutela inicialmente para a Kelly e depois ela passou para o Daniel. Juro que não imaginava a proporção que essa comunidade tomaria. Já vi faixas da *Fiel Viçosa* no Mineirão e isso me deixa muito feliz por de alguma forma ter começado com isso. Mas claro, todos os créditos pelo crescimento que esse movimento de corinthianos teve, vão para os atuais "administradores" da torcida. Hoje nem entro tanto assim no orkut e perdi o contato com muita gente que começou o grupo.

Entrevistas realizadas em 25/09/2009 com integrantes da *Máfia Azul Viçosa*

Emerson Cardoso Andrade (presidente)

Lucas Finamore Araújo

Lucas "Gambá" Alvarenga

1. Quando e como surgiu a torcida?

Emerson: A máfia azul surgiu em meados de 93 com o antigo João Bosco e com o Beбето, pai do Lucas. Aí ficou um bom tempo em atividade e depois parou. Voltou em 2006 por vontade mesmo de fazer a festa da torcida do cruzeiro na cidade, e agora eu, o Lucas, o Leandro, uma turma nossa que toca. Alguns tão em Viçosa ainda. E é essa turminha aí que toca a torcida, que hoje é a maior torcida da cidade.

2. E por que parou?

Lucas: Acho que era porque os caras eram mais velhos, trabalhavam e tinham dificuldades para tocar a torcida.

3. Há relações da torcida de Viçosa com a da capital? Vocês são filiados a alguma torcida?

Emerson: Ligação total com eles. Nós entramos em contato com eles; já tínhamos bons contatos lá dentro. A gente enviou toda a documentação para lá. Temos todos os materiais oficiais, bandeira, carteirinha, tudo oficial. É uma pouco demorado o processo; deve ter um mínimo de membros, os materiais só podem ser feitos por lá.

4. Como é a estrutura da torcida?

Emerson: Temos diretoria. Mas é a turminha que está sempre junto com a gente.

Lucas: Nós temos a diretoria para preencher a papelada. E são quatro pessoas. Presidente; vice-presidente e dois diretores.

Emerson: No caso eles fazem isso para saberem de onde vão cobrar depois.

5. Vocês vão realizar uma nova eleição para a diretoria?

Emerson: Agora a gente não tem porque fazer. Até poderia ter eleição, como ocorrem nas torcidas organizadas. Mas sempre tem alguém de confiança minha que eu vou passar o barco, porque torcida organizada o pessoal olha de um modo diferente; então não pode passar pra qualquer um, não pode ser um cara arruaceiro. Então, pra chegar na diretoria tem que ser alguém que ta sempre junto, que viaje; a gente muito isso, viagem,

tem que viajar. É isso que dá nome a torcida, a presença ao estádio. E a torcida da capital cobra da gente. Quando tem “jogo de guerra” tem que ter algum representante das torcidas locais.

6. O que é necessário para fazer parte da torcida?

Emerson: A gente tava fazendo um cadastro, mas paramos. Na verdade a torcida lá de BH parou, mas ano que vem acredito que vão continuar a fazer. No caso aqui a gente pede todos os dados pessoais que compõe o termo que a pessoa deve assinar. Se for de menor tem que ter assinatura de pai e de mãe. E é a diretoria de BH que faz, porque eles tem que ter todos os nossos dados.

7. Vocês promovem outras atividades?

Emerson: Nós fazemos churrascos com os torcedores e promovemos, também, ações sociais; a torcida de BH cobra isso da gente e tem que ter duas por ano.

Lucas: É igual eles falam, não é só torcida organizada, tem que ter mais atividade. A gente é Grêmio Recreativo Esportivo Cultural Torcida Organizada.

8. Há muitos universitários na torcida?

Lucas: Tem poucos. Só tem as outras torcidas na cidade por conta da universidade, senão não teria não.

9. As viagens são descontraídas?

Emerson: A gente faz um batismo pra quem faz a primeira viagem com a torcida. Coloca umas cinco ou seis pessoas dentro do banheiro e elas ficam lá, uns 20 km mais ou menos. Nesse último Cruzeiro e Estudantes foi recorde; acho que tinha umas cinco pessoas dentro do banheiro. Mas não é nada ofensivo e nada forçado.

Lucas: Eu sei que eu ia lá na frente buscando os caras.

Emerson: No último jogo tinha mulher viajando com a gente daí tinha que segurar um pouquinho. Não são tantas, mas tem algumas que sempre viajam. Nesse próximo jogo com o Atlético nós não vamos levar menores e nem mulheres. Tem que tomar cuidado

com um clássico. E outra coisa ruim das viagens são os horários. Pra gente do interior isso é complicado. O jogo é dez horas da noite, a gente tem que sair daqui uma hora da tarde pra chegar seis horas da manhã do outro dia.

10. Qual momento mais especial que você passou junto à torcida?

Emerson: Cruzeiro e Boca Juniors. Foi muito bonito! Apesar da gente não ter conseguido, perdemos o jogo, o Mineirão ficou muito legal.

Lucas: Teve Cruzeiro e Atlético. Sempre é bom.

Emerson: Nós nunca perdemos clássicos. Desde que voltou. Esse último que teve a gente não foi, que o Atlético ganhou do time juvenil, do Cruzeiro.

Lucas: O jogo contra o Boca foi nas oitavas de final da Libertadores, no ano passado. A torcida tava fazendo festa lá no Mineirão.

Emerson: O jogo lá (em Buenos Aires), o Boca ganhou de 2 a 1, e o Cruzeiro tava com esperança de reverter o jogo aqui. Era um grande clássico. Saímos com um ônibus lotado daqui e estávamos confiando muito. E a hora mais bonita foi quando acabou o jogo e a torcida cantou do mesmo jeito. E por mais que eu fosse adversário eu tive que bater palmas para o Riquelme, ele destruiu o jogo.

Lucas: O negócio é que antes do jogo sempre fica a tensão. Você pode ir trocentos anos ao estádio e sempre fica tenso.

Gambá: Cruzeiro e Flamengo, ano passado. O Cruzeiro fazia um gol, o Flamengo empatava; o Cruzeiro fazia outro gol, e o Flamengo empatava. Ramirez perdeu um gol feito, tava 2 a 1. Aí depois ele falou que se não fizesse um gol ele ia sair culpado; daí ele fez o gol da vitória. Foi o jogo da volta das bandeiras de bambu; ficou um tempo sem as bandeiras. Então ficou diferente o Mineirão. Eu que nunca tinha visto o Mineirão com as bandeiras, achei outra coisa com elas. Um dos espetáculos mais bonitos que uma torcida organizada faz é com as bandeiras. E tinha muito flamenguista no estádio, fiquei impressionado. E esse jogo foi o jogo que eu fui mais são pro Mineirão.

Nesse jogo tinha um gringo junto com a gente na van, um alemão. O momento de mais descontração foi quando ele começou a tentar cantar o hino do Cruzeiro. E o momento mais triste que eu passei na minha vida foi com essa torcida, quando o Cruzeiro perdeu a Libertadores. Eu lembro que eu era o único que saiu daqui de Viçosa sem ter conseguido ingresso. Fui com a cara e a coragem. Eu tava na fila procurando ingresso e na minha frente tinha um casal, e o cara falou que se não conseguisse ingresso pra ela, eles iam embora. Aí eu perguntei se ele não queria vender o ingresso dele pra mim porque eu compraria. E eu comprei. Mas naquele dia, lá no Mineirão, o clima tava muito pesado, não tava bom lá no Mineirão.

Entrevista realizada em 04/10/2009 com dois integrantes, além do presidente, da Fla Viçosa:

José Fausto Santana

Ricardo Franco Alves

Renan Cardoso Lima (presidente)

1. Como conheceu a Fla Viçosa?

Fausto: Eu conheço muita coisa. Tenho muita coisa de comprovantes, muitas fotos com jogadores, tem vários comprovantes de presença no Maracanã, teve dois títulos brasileiros do Flamengo que eu estava presente (contra o Atlético Mineiro, 3 a 2, eu estava presente e tenho o canhoto do ingresso contra o Santos, 3 a 0 pro Flamengo, e eu também tenho o comprovante. Tenho muitas fotos, muita coisa. Sou sócio patrimonial, tenho a carteira; tenho um documento assinado pelo Márcio Braga comprovando que eu sou realmente um torcedor nato, que honra as coisas. Posso votar par presidente do clube. Há mais de 15 anos sou sócio.

Meus filhos não costumam me acompanhar aos jogos. E pelo convite do amigo aí (Renan) passei a ver os jogos no Planeta Bola, porque antes eu via no bar do Edinho, lá também tem uma galera gente boa.

Sou de Viçosa e depois fui trabalhar no Rio e fiquei uns dois anos lá. Meu pai que foi mais fanático; sempre usando a camisa do Flamengo, inclusive na hora da missa. Ele

faleceu em 1980. Sou de uma família de 13 irmãos, sendo que um faleceu a pouco tempo. Mas quem carrega o Flamengo mesmo no coração sou eu.

2. Como virou flamenguista?

Fausto: Sou flamenguista desde a nascença. Meu pai foi me acostumando assim. Meu pai chamava Cristovão. Minha maior emoção foi essa: ser flamengo. Hoje mesmo eu estava na comemoração da neta e eu falei que não podia atrasar que eu tinha um compromisso, que era o Flamengo. Não tem nada que me impeça de ver o Flamengo. Só se for o caso de for a morte de alguém conhecido. Uma coisa que eu sempre fiz, e fiz ontem, foi a morte de um amigo nosso, flamenguista; eu tenho o costume de quando morre um flamenguista que eu conheço, eu tenho o prazer de comprar uma flâmula, uma faixa, uma toalha, uma bandeira, para colocar no corpo. E ontem ele foi enterrado com essa bandeira.

Mas a minha maior emoção é o Flamengo. Não tem nada que me tire do pensamento o Flamengo.

Ricardo: Ser flamenguista foi uma coisa hereditária. Meu avô foi flamenguista, meu pai e meus irmãos mais velhos. E por Muriaé ser uma cidade próxima do Estado do Rio a influência é muito grande dos times cariocas. Até meus amigos torciam pelo Flamengo.

3. Qual foi jogo mais emocionante que você já presenciou do Flamengo?

Fausto: Foi o Flamengo e Atlético Mineiro 3 a 2, porque se não expulsasse o Reinaldo nós não ganharíamos esse jogo. (acha que é em 80)

Renan: Falam que esse jogo foi o mais emocionante do Flamengo, o jogo de 1980.

Fausto: Eu estava lá presente. Na época podia-se colocar muita gente no estádio, tinha umas 130 mil pessoas. Eu tenho uma certa facilidade de acesso na Gávia, por ser sócio. Teve uma vez, no Flamengo e Santos, em 2007, deu um probleminha porque eles tinha autorizado só eu entrar, aí eu fui até a diretoria falar pra eles que estava com um ônibus cheio de amigos que queriam conhecer a Gávia. Depois disso eles autorizaram a entrada de cinco em cinco.

Já chorei bastante também. Eu lembro muito do meu pai. Ele não tirava a camisa pra nada. Lavava, colocava outra, lavava e colocava outra... e isso me emociona demais. Então as vezes quando eu to no estádio e eu lembro dele choro, lembro dele.... é muito bonito. (olhos ficaram marejados de emoção ao falar sobre o pai). Meus filhos são flamenguistas, mas nem tanto. A neta costuma vestir a camisa e qualquer jogo que passa ela já grita “Vovô, Flamengo, Flamengo!”.

4. Qual foi o jogo mais marcante para você, Ricardo?

Ricardo: O jogo mais marcante que eu presenciei em estádio foi o Flamengo e Santos, em 2007. Foi na época do Pan-Americano, no Rio. Foi recorde de público lá, 87 mil pessoas. E coincidentemente foi a primeira vez que eu conheci o Maracanã. Então foi uma emoção muito grande. E o Flamengo tava numa arrancada, o Flamengo tava buscando a Libertadores em uma sequencia de jogos com vitórias. E foi uma vitória de 1 a 0, gol de Souza, apertado, mas a gente saiu de lá feliz. Tivemos experiências ruins também, a gente foi no Flamengo e Cruzeiro, lá no Maracanã. O Flamengo começou vencendo de 1 a 0; sofreu a virada, 2 a 1. Mas é assim mesmo. Cada jogo é um jogo, né.

Renan: Flamengo e Santos foi um jogo muito tenso, né. Tava amarrado. A torcida do Flamengo gritando pouco, empurrando sim.

Ricardo: Com o coração apertado, né. Aí quando saiu o gol a torcida explodiu. O Maracanã ficou o restante do tempo todo eufórico. E no final do jogo quando a gente tava indo embora, nos túneis do Maracanã, lotado de flamenguista cantando os gritos e hino do Flamengo. Realmente muito bonito. Só tinha Flamenguista. Era um jogo de uma torcida só.

Renan: Por isso que eu falo, em termos de torcida, nada é igual ao Flamengo.

Ricardo: Sempre to aqui no Planeta Bola acompanhando o Flamengo. Infelizmente não vive a época que ele viveu (Fausto), com grandes jogadores como o Zico, Júnior, Andrade... eu nasci em 86, então eu era muito novo quando o Flamengo ganhou o último título brasileiro; eu tinha seis anos e não entendia muito de futebol e não lembro

mesmo. Então o título que eu mais comemorei foi o que o Flamengo venceu o Vasco, o Petkovic fez um gol no final. Foi muita emoção a vitória no final do jogo.

Renan: Viajar pro estádio é muito legal. Fazer essas excursões é muito bom, porque sempre tem alguém que nunca foi ao Maracanã e vem falar comigo “Nossa Renan, primeira vez que eu to indo pro Maracanã e é com você”. Nesse ponto é muito positivo, porque você está realizando um sonho de uma pessoa. O momento mais marcante de um jogo, talvez, é quando você entra no estádio e ta o hino tocando. Isso é muito bom. Dessa vez, Flamengo e Corinthians, tinham 5 pessoas que estavam indo pela primeira vez ao estádio. É uma emoção muito grande. E as viagens são muito tranquilas. A distância é tão grande que o pessoal vai muito sossegado, dormindo e descansando.

Entrevista realizada em 28/10/2009 com o jornalista Celso Unzelte

1. Por que o Futebol se popularizou tanto no Brasil?

É uma série de fatores. Um dos fatores é do ponto de vista físico, do corpo do brasileiro. O corpo do brasileiro realmente facilita a prática do futebol. Para o brasileiro é bem mais fácil vibrar do que para um russo, que é duro. Hoje com a globalização é bem mais fácil um russo ser bom de bola, mas para o brasileiro é mais fácil. A natureza propiciou isso. Mas a relação do Brasil com o futebol não é só de prática. É de paixão inclusive em acompanhar o jogo, acompanhar o time, acompanhar o ídolo. O futebol chegou aqui num momento muito interessante da vida do país; você tinha aqui chegando os imigrantes, já tinha nossa própria formação com o negro, com o índio. Dessa mistura toda, chegou como patrimônio da elite. Jogava futebol os ingleses, descendentes de ingleses. É uma das poucas coisas que o povo brasileiro se apropriou. No começo se apropriou clandestinamente de um futebol oficial e jogava-se na várzea. Depois alguns times da várzea entrou no futebol oficial. E por fim se popularizou o futebol aqui. Várias conjunturas, o momento histórico, o corpo e a disposição do brasileiro, esse corpo que é tão malemolente, bem a cara do país. A improvisação. O brasileiro improvisa muito. O brasileiro tem essa coisa do improviso, da picardia. As vezes até do que a gente chama de sacanagem, de malícia. Assim como existe uma língua portuguesa brasileira, diferente da original, existe um futebol brasileiro, adaptado

em relação ao original; que é o futebol que o mundo admira e mais gosta. O futebol acabou pegando aqui, a despeito de muitos escritores. Graciliano Ramos chegou a escrever que o futebol era um estrangeirismo que não ia pegar. Nessa o mestre errou. O futebol pegou por causa de nossas características. Acho que casou muito bem com a alma do brasileiro.

2. Como você vê as torcidas dos clubes deixando de ser locais e se expandindo para o Brasil inteiro?

Isso vem ao encontro da própria estrutura do futebol brasileiro. Em 1902, quando teve o primeiro oficial do país, que foi o Campeonato Paulista, até 1971, que é o ano que se considera o começo do campeonato brasileiro oficial, embora a gente possa retroagir a 67, a estrutura do nosso futebol era estadual, por vários motivos. Esse é um país continental, difícil você imaginar um campeonato brasileiro que é disputado hoje em 1930. Não havia estradas, não havia transportes, o que havia era um campeonato brasileiro de seleções. O mundo era outro; as pessoas não tinha internet, não tinham telefone, não tinham automóvel. Quando eu discuto com meus alunos porque o campeonato paulista era tão importante, o campeonato estadual, porque nosso mundo era nosso Estado. Quem ganhava aquilo era campeão mundial, era nossa aldeia. Agora o mundo globalizado do jeito que está. Você vendo na televisão qualquer campeonato que você queira, a internet possibilitando informações e notícias praticamente como se você estivesse lá. A diferença é que você não está ali no estádio. Mas qual a diferença da *Fiel Viçosa* acompanhando o jogo do Corinthians aqui e eu na minha casa, acompanhando o jogo em São Paulo no bairro do Ipiranga que está muito próximo do Pacaembú? Não tem diferença. A prática é a mesma. Estamos diante de uma tela vibrando da mesma maneira. Então caíram as distâncias no mundo. Uma transformação que acontece agora é que o torcedor novo de estados menos desenvolvidos politicamente, ou ele tem a paixão paralela, ou ele é Paysandú e Flamengo, ou ele vai ter que optar pelo Flamengo e não dar bola mais para o campeonato paraense. A tendência é que vem exatamente ao encontro do que está acontecendo no mundo; o mundo está se globalizando. As distâncias estão mais pequenas. Então não faz mais nenhuma sentido o cara ter que ser mineiro para torcer para o Cruzeiro. Ele pode acompanhar o time dele onde ele estiver. Ou até mais longe; não tem garoto brasileiro que é Liverpool?

3. Por que a mascote do Corinthians é o mosqueteiro?

C.U.: Tem duas versões. A versão mais contundente é a do Thomas Mazzoni, de 1929. Corinthians ganhou seu primeiro jogo internacional contra o Barracas da Argentina por 3 a 1 e no jornal do dia seguinte, que era a Gazeta, Thomas Mazzoni saldou a atuação do Corinthians como de 'Bravos Mosqueteiros'. Ali se popularizou. A outra versão é quando o Corinthians chegou como o quarto mosqueteiro para disputar a LPF. Mas essa me parece mais uma história resgatada, uma releitura posterior. Inclusive depois de 29, quando Thomas Mazzoni faz isso, a gazeta esportiva passa a popularizar os bonecos [mascotes].